

Manual do professor

Procura-se um amor

CRÔNICAS

Adriana Falcão

Organização pedagógica **Maria José Nóbrega**



S SALAMANDRA



ÁRVORES E TEMPO DE LEITURA

Maria José Nóbrega

“O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?”¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “Trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoiera, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual é a resposta? Vamos a ela: os anos, que se dobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore – a árvore do tempo – e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para determinada situação constitui um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, transforma-se em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais – em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas – é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos. Depende de nós.

¹ *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.



Um pouco sobre Adriana Falcão, a autora de *Procura-se um amor*

Adriana Falcão nasceu no Rio de Janeiro, mas passou boa parte de sua vida em Recife, onde se formou em arquitetura. Ela nunca exerceu a profissão, mas com certeza usa suas habilidades arquitetônicas para criar as rocambolescas estruturas de suas histórias, com sensibilidade, delicadeza e também humor. É escritora premiada de livros para crianças, jovens e adultos, mas também encanta o público com seu talento nos roteiros para programas de TV, cinema e teatro.

A obra

“Não precisa ser perfeito. Não precisa ser para sempre. Não precisa ser o maior de todos, desde que seja imenso. Aceito defeitos de várias espécies, menos a indiferença. Já vi no filme, na novela, no romance, e até na vida real (se bem que já faz um tempo). Sei que já foi mais frequente, ou porque antes a gente era diferente, ou porque o mundo era outro, mas ouvi dizer que existe ainda. É raro, eu sei, apesar disso procuro.”

As coisas da vida, as marcas do tempo e o que corrói o coração. Tudo o que nos cerca e nos invade em crônicas que transformam pessoas comuns em personagens, apresentadas com toda a sutileza de Adriana Falcão.

Comentários sobre a obra

Até mesmo o leitor mais desatento e descompromissado, aquele que, desavisado, pretendia apenas folhear o livro distraidamente, terá dificuldade de desapegar-se de *Procura-se um amor*, coletânea de crônicas de Adriana Falcão.

Concisão, leveza, humor, argúcia, inventividade – muitos são os artifícios manejados com primor pela cronista na criação dos vinte textos que compõem essa seleta, cativantes à primeira leitura.

Os subtítulos que abrem cada uma das seções – da vida; do coração; do tempo; da cabeça; da ternura; do cotidiano – apresentam ao leitor os indícios da matéria-prima com a qual se tecem os textos: a vida do dia a dia capturada no seu estado bruto e transfigurada por uma aguda sensibilidade.

Como em um jogo cuja graça e desafio são as ilusões de ótica, à medida que avança na leitura, o leitor é levado a enxergar naquilo que já se habituou a olhar o que ainda não aprendeu a ver.

Assim sendo, uma lista de afazeres cotidianos, como a que aparece na crônica “Ameaça”, não é apenas uma maneira de organizar as tarefas corriqueiras, mas uma estratégia de uma mente sã para proteger-se do risco, sempre à espreita, de enlouquecer.

Em outro caso, como na crônica intitulada “A gérbera”, a tristeza sem tamanho de um filho no velório de seu pai somente é revelada como tal a partir da perspectiva singela da vida de uma gérbera.

Do mesmo modo, a percepção da passagem veloz do tempo, comum a toda gente, assunto da crônica “A frase do tempo”, não se limita a uma mera constatação, mas opera um corte no real, através do qual fantasia e devaneio tornam possível o impossível: o tempo, como se fosse capaz de ouvir, pensar, falar e cansar – e ele é mesmo! –, resolve parar.

A força expressiva da crônica, gênero literário que se firmou na fusão entre o registro jornalístico e o registro literário, não reside tanto nos seus temas – em geral assuntos efêmeros, fatos corriqueiros, detalhes desimportantes do dia a dia –, mas na forma singular e na perspectiva original com que são tratados literariamente.

Nessas crônicas, Adriana Falcão combina o despojamento da linguagem coloquial com o refinamento de recursos

estilísticos bem empregados – notadamente: figuras de pensamento como prosopopeia, hipérbole e ironia – para fazer saltar, da cena supérflua ou do diálogo banal, o elemento insólito obscurecido pela familiaridade, o detalhe pitoresco escondido sob a rotina, a imagem inverossímil oculta na aparente coerência do cotidiano.

Quadro-síntese

Gênero: Crônica.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, Filosofia, Sociologia.

Temas contemporâneos: Direitos da criança e do adolescente; educação ambiental; respeito e valorização do idoso; educação em direitos humanos; vida familiar e social; trabalho; diversidade cultural.

Público-alvo: 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Este material fornece orientações para aulas que preparem os estudantes antes da leitura da obra, durante o processo de leitura, assim como para a retomada e a problematização do conteúdo.

Pré-leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreender o texto e apreciar os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história. As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto:

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos) e ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilhar o que forem observando).

1. Analise com os alunos a capa do livro. Convide-os a observar os elementos que a compõem, principalmente a ilustração que ela apresenta. O que a ilustração sugere a respeito da obra?
2. Atualmente, a crônica está presente não apenas em livros, jornais e revistas impressos, mas também em portais de notícia, cultura e entretenimento *online*. Pergunte aos alunos quais são suas leituras habituais na internet (isso, é claro, se a realidade da turma for compatível com a atividade). É possível que alguns deles sejam leitores de crônicas *online* e estejam mais familiarizados com o gênero do que julgam.
3. *Procura-se um amor*, título do livro de Adriana Falcão, é também o título de uma das crônicas presentes na coletânea. Tendo isso em vista, realize uma conversa rápida com os alunos sobre as imagens e referências suscitadas pelo título. Escreva na lousa as palavras-chave surgidas nessa conversa e, a seguir, proponha aos alunos a redação de uma crônica cuja motivação seja também o título *Procura-se um amor*. Essa atividade cumprirá plenamente os seus objetivos somente mais tarde, quando todos tiverem finalizado a leitura do livro. Os alunos

poderão comparar a crônica *Procura-se um amor* com aquela que escreveram e sobre a qual conversaram antes de iniciar a leitura.

4. Chame a atenção dos estudantes para a dedicatória do livro. Peça que observem para quem a autora dedica a história. Por fim, pergunte: por que a maioria dos escritores, ao escrever uma história, a dedica a alguém?
5. Explique aos alunos que o texto que aparece na parte de trás do livro é chamado de “texto de quarta capa”. A partir das informações contidas nesse texto, estimule-os a criar hipóteses a respeito do teor das crônicas que vão ler.
6. Leia a seção *Para saber mais*, localizada no final do livro, para que os alunos se familiarizem com a autora e a obra e para mais informações que podem auxiliar o trabalho com o livro.

Durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor:

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

1. Leia o sumário do livro com os alunos observando que cada um dos seis subtítulos indica um eixo temático. Aponte curiosidades presentes no sumário, como a que se encontra no subtítulo “Da ternura”, que reúne duas crônicas que versam sobre aspectos relacionados à maternidade; a que se encontra no subtítulo “Do coração”, que sugere tratar de amor. A crônica cujo título é “Amor proibido” se encontra, entretanto, entre as crônicas agrupadas sob o subtítulo “Do cotidiano”. Por que será?
2. Escreva os títulos das crônicas em papéis, dobre-os e sorteie um deles para eleger uma crônica a ser lida em voz alta junto com a turma. Após a leitura, promova um bate-papo a respeito do tema da crônica eleita e dos recursos estilísticos empregados pela cronista.
3. Chame a atenção dos estudantes para o fato de as crônicas terem sido escritas com focos narrativos diferentes, ou seja, o ponto de vista de quem narra varia de história para história. Peça que anotem à parte qual é o ponto de vista do narrador em cada história durante a leitura.
4. Chame a atenção dos alunos para o estilo lacônico da autora, que, na maior parte dos textos, usa fases curtas,

parágrafos com apenas uma frase, muitas vezes sem verbo. Questione os estudantes sobre que efeito eles acham que ela buscou alcançar e como esse estilo ecoa neles.

5. As crônicas de Adriana Falcão contêm muitas informações pessoais da autora e outras que sugerem isso. Pergunte aos alunos, durante a leitura, se eles conseguem identificar trechos com essas características e peça que os descrevam. Depois de ouvir os relatos dos alunos, solicite a eles que criem hipóteses sobre qual seria o método de criação da autora. Que situações costumam inspirá-la, de acordo com as hipóteses criadas por eles?
6. Faça, com os alunos, um calendário de leitura e discussão de cada um dos seis eixos temáticos que subdividem o livro.

Pós-leitura

Propõe-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas do conhecimento, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas:

- Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Explicitação das opiniões pessoais diante de questões polêmicas.

1. Paródia de uma redação escolar, a crônica “A minha escola” faz inúmeros comentários críticos em torno das condições do ensino público no país. Entre outros aspectos, as críticas recaem sobre o relacionamento entre os alunos, a manutenção do edifício e dos equipamentos escolares, a verba destinada à educação como um todo e à remuneração dos professores. Proponha aos alunos que comparem a escola descrita na crônica com a escola em que estudam e que desenvolvam um texto curto que, assim como ocorre na crônica de Adriana Falcão, assumam a forma de uma paródia.
2. Na crônica “Ameaça”, a autora conta a história de uma mulher – dona Emiliania – que deixa de viver o presente por temer que a qualquer momento a loucura vai se apoderar de sua mente. Comente com os estudantes que essa his-

tória trata, entre outros temas possíveis, dos limites entre loucura e sanidade mental. Embora tema ficar louca, é dessa forma que dona Emiliania leva sua vida. Com base nesse fato da história, pergunte aos alunos, informalmente, se um pouco de “loucura”, desde que inofensiva, não é necessária para suportar o peso da realidade. Pergunte se eles conhecem alguém com o perfil semelhante ao da personagem. Questione se eles próprios não têm alguma mania que os ajuda a resolver os problemas do dia a dia. Deixe-os à vontade para descrevê-la.

3. O texto da crônica “A minha escola” é a redação de uma aluna que tem até nome: Reginelle Carla Gonçalves de Souza. Com base nas outras crônicas do livro, pergunte aos estudantes se o estilo da redação da aluna é influenciado pela forma de escrever da autora Adriana Falcão. Peça que expliquem suas respostas, identificando trechos que justifiquem seus argumentos.
4. Em “A minha escola”, a aluna que escreve a redação faz menção a um problema muito comum nas escolas brasileiras: a biblioteca fechada. Comente que, muitas vezes, quando não está fechada, a biblioteca não tem um funcionário especializado – o bibliotecário – para cuidar dela. Questione os alunos sobre por que isso acontece. Pergunte a eles se existe biblioteca na escola onde estudam e como é o funcionamento dela. Indague: o que implica ter uma biblioteca fechada ou malcuidada em uma escola? Quais são as consequências para os estudantes? O que poderia ser feito para que isso não acontecesse?
5. Em uma conversa informal, pergunte aos alunos qual é a crítica contida na crônica “Almoço de confraternização”. Estimule o debate com base nas hipóteses trazidas por eles.
6. Comente com os estudantes que, em algumas crônicas, não fica muito claro qual é o tema central do texto. Use a crônica “A gente” como exemplo. Peça que identifiquem qual é o tema: o amor? a vida real? as fases de um relacionamento? tudo isso junto? etc.
7. Solicite aos alunos que releiam a crônica “A gaveta”. Em seguida, pergunte se já aconteceu de uma lembrança que julgavam esquecida para sempre voltar involuntariamente. Se algum aluno se dispuser a falar, peça que descreva qual foi a lembrança. Pergunte por que acham que isso acontece.
8. Ainda a respeito da crônica “A gaveta”, peça que respondam à pergunta que a autora propõe no texto: Quem é mais poderosa, a ciência ou a fantasia? Solicite que justifiquem suas respostas.

9. A crônica “Apenas uma hipótese” dá a entender que o texto não foi escrito de uma vez, ou seja, que ele foi iniciado em uma data e terminado em outra, bem mais adiante no tempo. Questione os estudantes que pistas a autora fornece sobre isso, ou seja, em que momento(s) da crônica isso é sugerido.
10. Solicite aos alunos que releiam a crônica “Ansiedade” e, ao final, respondam: Para a autora, a ansiedade é algo bom ou ruim? Por quê? Em seguida, lance essa mesma pergunta para a turma, pedindo que justifiquem suas respostas.
11. Na crônica “A gata e a porta”, Adriana Falcão termina o texto dizendo que sentiu pena de si mesma. Solicite aos estudantes que releiam a crônica e respondam por que eles acham que ela faz essa afirmação.
12. Apresente algumas das principais características da crônica, gênero literário ao qual pertence o livro de Adriana Falcão, por meio de uma conversa descontraída com os alunos. Após o bate-papo, organize-os em trios e incentive-os a conversar sobre fatos cotidianos e pequenos acontecimentos ocorridos recentemente. Sugira que os subtítulos presentes no sumário do livro funcionem como motes: da vida; do coração; do tempo; da cabeça; da ternura; do cotidiano. A seguir, promova um debate com toda a turma e, dando menor ênfase à escolha temática de cada aluno, chame atenção para a maneira com que cada um enfocou, narrou, descreveu, comentou e articulou o seu assunto. Nessa atividade, será interessante notar que, ao falar e contar a sua história, alguns terão sido irônicos; outros terão se servido do humor; alguns terão dado importância a algo que passaria despercebido de todos; outros serão mais reflexivos; alguns mais líricos; outros mais críticos, e assim por diante.
13. Fale sobre cronistas do presente que desempenham outras atividades ligadas aos meios de comunicação e cultura, como Ruy Castro, Luís Fernando Veríssimo, Antônio Prata, Ignácio de Loyola Brandão, José Simão, Marina Colasanti, Jô Soares, Gregório Duvivier, entre outros. Conhecidos do grande público por seus trabalhos na imprensa escrita e na internet, na televisão ou no teatro, cronistas que praticam outras atividades admiradas pelos alunos podem despertar a curiosidade pela leitura e o interesse pela crônica como gênero literário.
14. Proponha uma pesquisa *online* sobre a evolução da crônica como gênero literário e sobre cronistas contemporâneos. Indique páginas da internet especializadas no assunto, como a *Rubem* (www.rubem.wordpress.com), que homenageia, através de seu nome, Rubem Braga (1913-1990), um dos maiores cronistas de todos os tempos.
15. A prosopopeia é uma figura de linguagem que ocorre quando há atribuição de qualidades, ações ou sentimentos humanos a seres inanimados ou irracionais. Peça aos alunos que façam uma análise comparativa das crônicas “A revolta da natureza” e “A frase do tempo”, observando, em ambas, o emprego dessa figura de linguagem e seu efeito expressivo e de sentido – leveza, humor, atenuação, descontração, agravamento – sobre o tema abordado.
16. Solicite aos alunos que observem o uso de metáforas (linguagem figurada) na crônica “A moça grávida”. A seguir, peça que escolham cinco frases do texto que contenham metáforas e expliquem o que a autora realmente quis dizer com elas.
17. No final da leitura, pergunte aos estudantes de qual crônica eles mais gostaram e por quê.

Este material fornece orientações gerais para aulas de outros componentes ou áreas do conhecimento para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, visando à abordagem interdisciplinar, que enriquece o trabalho e a compreensão dos conceitos discutidos:

Atividade de Filosofia

Comente com os alunos que a crônica “A Perfeição” dialoga com as ideias de um filósofo grego chamado Platão. Explique que Platão afirmava que a realidade apresenta duas dimensões: uma superior, perfeita, eterna, imutável, infinita – o mundo das ideias; e outra imperfeita, perecível, finita – o mundo dos sentidos, que é o mundo que percebemos no dia a dia. Complemente essa informação dizendo que o principal discípulo de Platão, que se chamava Aristóteles, discordou de seu mestre ao afirmar que a única dimensão que existia era o mundo percebido pelos sentidos. Com base nessas duas teorias, que dividiram a Filosofia em duas grandes vertentes de pensamento (o idealismo e o empirismo), indague aos alunos se eles acreditam que a perfeição exista. Peça que contextualizem e expliquem suas respostas.

Atividades de Sociologia

1. Aproveite a menção à internet para refletir sobre os modos como as velhas práticas de escrita se relacionam com as novas tecnologias. Refira-se, por exemplo, aos *YouTubers* e seus respectivos canais, versão mais atual dos antigos *bloggers* e seus respectivos *blogs*. Muitos dos *YouTubers* podem ser considerados um tipo jovem e atual de cronista que – sem abrir mão de expedientes formais e temáticos comuns à redação da crônica, tais como a preferência por assuntos do cotidiano seguidos pela emissão de uma opinião particular a respeito – despojou-se da escrita como plataforma e adotou o vídeo como suporte e meio de difusão da mesma crônica. O *YouTuber* que se aproxima do cronista é aquele que, no lugar de construir sua crônica escrevendo no papel ou no computador, o faz diante da câmera, falando. A internet, com seus canais de compartilhamento de vídeo, trata de colocá-lo em contato – o mais imediato – com o seu público. Exemplos de *YouTubers* brasileiros: PC

Siqueira e seu canal chamado *Mas poxa vida*, e Julia Tolezano, com seu canal *JouJout Prazer*.

2. “Procura-se um amor”, a crônica que cede seu título para intitular também o livro, pode ser objeto de um interessante debate sobre os gêneros masculino e feminino e seus comportamentos e percepções do amor. A personagem, notadamente do sexo feminino, está em busca de um amor e, a certa altura, diz: “Através de pesquisas, observações, entrevistas ou o que se julgar necessário, procurarei compreender os motivos que levam o sexo masculino a priorizar o trabalho e o sexo feminino a dar tanta importância ao amor”. Cite essa passagem da crônica e pergunte aos alunos se estão de acordo com ela. Inaugure uma conversa com eles sobre o tema, motivando-os a questionar os lugares-comuns a respeito das preferências e comportamentos atribuídos ao gênero masculino e ao feminino.
3. Solicite aos estudantes que atendem para este trecho da crônica “A minha escola”:

“Na minha opinião, eu acho o ensino menos precário do que a hora do recreio, principalmente quando os meninos me chamam de tamborete, magrela, perna fina, esqueleto de anão, etc.

Isso é a pior coisa da minha escola.” (página 23)

Comente que essa descrição remete ao problema do *bullying*, um conflito entre alunos que costuma prejudicar quem é vítima dele, muitas vezes deixando sequelas psicológicas. Pergunte o que eles sabem a respeito do *bullying*. Depois de ouvir algumas respostas, solicite uma pesquisa em grupos sobre o tema. Peça que incluam, se possível, imagens e vídeos na pesquisa. Se julgar oportuno, dada a importância do assunto, promova um debate sobre *bullying* com base nas informações trazidas pelas pesquisas.

4. Sugira aos estudantes que releiam a crônica “A frase do tempo”, substituindo a palavra *tempo* por *História* ou *Cultura* – assim mesmo, iniciando por maiúscula. Indague: O sentido da crônica muda? Peça que expliquem suas respostas.

Se possível, pesquise na biblioteca da sua escola ou da sua cidade outros livros que tratem dos temas:

- **Encontros com a diferença;**
- **Sociedade, política e cidadania.**